

ou menos explícitos para as mulheres que ouviu, todas elas também vivendo na grande metrópole paulista, detentoras de um diploma de nível superior e tendo vivenciado a experiência do casamento e da maternidade.

Sem dúvida a impossibilidade da construção individual de um projeto de vida, que tenha na profissão um dos seus elementos constitutivos, é um dos traços marcantes da descontinuidade do trabalho feminino, qualquer que seja sua configuração. No caso do trabalho domiciliar, onde é necessário conciliar o inconciliável, para diminuir as tensões que afetam as relações contraditórias entre os sexos e que aparecem como "disfuncionais" para a vida familiar, a invisibilidade — que dá o nome à coletânea — talvez seja antes o apagamento da memória da virtualidade de um projeto, do que propriamente o não reconhecimento de um trabalho. Trabalho invisível? O mais correto é, provavelmente, dizer profissão impossível.

*Lena Lavinas*

**DE PIAGET A FREUD. A (Psico)pedagogia entre o conhecimento e o saber**

LEANDRO DE LAJONQUIÈRE

São Paulo: Vozes, 1993

Por que certas crianças "normais" e inteligentes não conseguem aprender? Por que incorrem sempre nos mesmos erros apesar das inúmeras correções e explicações dos professores? O que impede este ou aquele aluno de acompanhar sua classe, ou seja, outras crianças que supostamente se encontram no mesmo nível de desenvolvimento ou pertencem à mesma faixa etária?

Estas questões levantadas por pais, professores, psicólogos e outros profissionais que trabalham com

crianças em situações nas quais intervêm processos de aprendizagem, constituem o ponto de partida do trabalho de Leandro de Lajonquière.

Apoiando-se no "caso Alicia", o autor procura definir o estatuto dos erros nas aprendizagens, discutindo aspectos básicos dos quadros teóricos piagetiano e psicanalítico. Por exemplo, o que impediria uma garota de 10 anos de conservar a quantidade de fichas colocadas em correspondência termo a termo, formando uma fileira de pretas e outra de brancas, quando se introduz apenas variações de ordem espacial em uma dessas linhas e se lhe pergunta: "Há ainda a mesma quantidade de fichas nas duas fileiras? Onde há mais?" E, sobretudo, como explicar que, em um dado momento, Alicia — considerada "tonta" pela escola e pela família — responda segundo um postulado de conservação: "Parece que tem mais pretas que brancas, porém há a mesma quantidade... parece alguma coisa, mas não é... talvez eu pareça tonta, mas não seja"?

A discussão desse caso constitui o fio condutor das reflexões de Leandro de Lajonquière sobre as vicissitudes dos erros nas aprendizagens com vistas à elaboração de uma "(psico)pedagogia entre o conhecimento e o saber". As questões levantadas conduzem o autor, em um primeiro momento, a uma incursão pela teoria psicogenética piagetiana. Ele expõe de forma clara e muitas vezes bem humorada as principais idéias do pesquisador genebrino e seus colaboradores mais próximos, não apenas em relação às aprendizagens, mas sobretudo a respeito dos mecanismos em jogo na construção de conhecimentos: a equilíbrio, as contradições, a tomada de consciência, a abstração reflexiva e reflexionante. Esses últimos aspectos, estudados por Piaget na década de 70 e fundamentais para explicar a passagem de um nível de conhecimento a outro, continuam pouco discutidos no Brasil, onde a maior parte dos trabalhos inspirados na obra de Piaget se fundamentam no estudo das estruturas cognitivas enfatizadas pelas pesquisas clássicas da Escola de Genebra. Leandro de Lajonquière

apresenta, de forma inteligente, a articulação entre esses mecanismos, demonstrando ao mesmo tempo a coerência interna dessa teoria que, segundo ele, funciona como um verdadeiro "relógio suíço".

A partir dessa análise, evidencia-se o papel do *inconsciente*, focalizado, aliás, pelo próprio Piaget em vários momentos, mas sobretudo no seu artigo "O inconsciente afetivo e o inconsciente cognitivo" (1970). O autor assinala através da leitura de vários textos que o "processo de construção de conhecimento é comandado, em última instância, por um funcionar inconsciente" (p.84), pois este é a sede das equilibrações. Nesse ponto, entretanto, ele lembra que o apelo à espontaneidade do processo de equilibração não esgota o problema, quando este se coloca em termos de "singularidade (desejante) de um sujeito". Em outras palavras, as dificuldades apresentadas por crianças reais — como Paulo, José, Maria — às voltas com problemas concretos de aprendizagem é algo relacionado à ordem do desejo inconsciente que vem inibir os processos de construção do conhecimento. "O erro se remove quando alguma coisa da ordem do freudiano saber inconsciente relança o processo cognitivo de (re)equilibração" (p. 105), fato bem ilustrado pelo "caso Alicia".

A partir daí, Lajonquière analisa justamente a constituição do sujeito desejante na formulação de Lacan e expõe os principais pontos da leitura lacaniana de Freud: o estágio do espelho, o Édipo e a castração, o papel da linguagem na constituição desse sujeito, para analisar, enfim, o paradoxo do saber.

Poderíamos pensar que a conclusão lógica desse percurso levaria a um *reducionismo*, à imposição de uma ordem sobre outra e à justificação do "imperialismo teórico da psicanálise" (p.234). Não é essa a tese do autor que nos fala de um "entrelaçamento entre as ordens do saber e do conhecimento [o que] torna a psicogênese de conhecimentos socialmente compartilhados um processo re(constutivo) singularmente pontuado" (p.233).

A proposta de uma prática (psicopedagogia) perpassada pela ética da psicanálise afasta-se das conhecidas fórmulas behavioristas, assim como daquelas que se restringem aos limites do construtivismo psicogenético. Além do mais, e ao contrário do que se poderia pensar à primeira vista, não se trata de mais uma tentativa de relacionar aspectos "afetivos" e "cognitivos", ou as idéias de Freud e Piaget, tentativas essas citadas e criticadas pelo próprio de Lajonquière.

Esse trabalho poderá decepcionar os que procuram respostas prontas, mas constitui um documento importante para aqueles que desejam conhecer melhor as teorias psicogenética e psicanalítica, seus pontos de articulação, e para aqueles que buscam aprofundar sua prática pedagógica ou psicopedagógica.

Pena o projeto gráfico e editorial não ter sido mais cuidadoso, não estando à altura de um texto tão importante e que será de grande valia a um bom número de profissionais.

Luci Banks Leite